PANDORA

OS 12 TRABALHOS

Nayara Delgado

COPIRRAITE © 2017

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

À AUTORA NAYARA DELGADO

Coordenação Editorial
NAYARA DELGADO
EDIÇÃO ÚNICA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada podem aparecer ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia. Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade

com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

DEDICATÓRIA

Para minha filha amada,
minha Louise Sophie...
Por você e pra você, sempre!!!
Amo-te, ursinha...

PANDORA

CAP. 1 – A CARTA

Minha querida neta... Escrevo-te essa carta e sei que você deve está me odiando, mas tenha calma. Você vai odiar ainda mais assim que souber o que tenho pra te dizer... Lembro que você vivia dizendo: "— Vó, se senhora morrer eu te mato!"

Sempre gargalho ao pensar nisso! Sinto muito querida, mas eu já estava entrando em estado de mumificação. Precisava dar um descanso pra esse corpo que agora chegou a vez da terra comer...

Porra vó! - Pensei alto.

Mas não se anime porque você não vai se livrar de mim e agora eu posso até ser uma alma penada e está bem aí atrás de você.

Foi mais forte do que eu a virada que dei pra olhar pra trás e ver somente a parede.

Adoro te assustar! Agora se recomponha e preste bastante atenção a tudo o que escrevi aqui. Você mais do que

ninguém sabe que eu nunca fui uma mulher de meias palavras, nem de deixar nada inacabado. Criei você da melhor forma possível, tentando amenizar a triste ausência dos seus pais.

Respirei fundo e não deixei meus pensamentos se aprofundarem no fatídico dia em que os perdi num acidente de avião.

Pandora, você veio pra mim com seus 8 anos, tão pequena, tão triste e tão assustada e a única coisa que pensei foi: O QUE PORRA ELES ESTAVAM PENSANDO AO ME CONFIAREM ESSA CRIANÇA? Eu sou uma velha louca!!!

Impossível não sorrir imaginando-a falando exatamente assim, continuei a ler:

"*Mas com o passar do tempo tudo ia se encaixando, fomos nos moldando uma a outra e as nossas imensas diferenças iam finalmente se completando. Eu era a impulsividade e você, a minha calmaria! Saiba que n*unca me arrependi de nada que fiz em relação à você, minha menina.

Sei que fui dura às vezes, principalmente em relação ao seu futuro e não tenho vergonha de dizer que fiz tudo de caso pensado. Sim é isso mesmo... Agora posso confessar, até porque você não poderá fazer mais nada contra mim e essa é a vantagem de eu estar a 7 palmos abaixo do chão.

Nossa! Eu devo está muito feia, não é? Espero que tenham colocado tanto formol em mim que até eu me decompor já estarei reencarnada!

Sim, eu te dei toda a liberdade, mas em relação a sua profissão eu fui uma vadia desalmada. Não te dei escolhas a não ser seguir exatamente o meu plano de vida. Eu te tornei, depois de mim é obvio, a melhor psicóloga clínica que já existiu.

Mas não seja tão arrogante, eu sei que você aprendeu a amar essa profissão tanto quanto amei. Via no seu olhar o brilho a cada novo paciente que você ajudava e curava do dano que ele sofreu.

Eu amava também essa sensação de dever cumprido e nunca deixei nenhum paciente até que conseguisse o meu objetivo e é exatamente aí que você entra.

Em toda a minha vida eu peguei todos os tipos de casos, todos os tipos de paciente. Alguns eram simples de resolver, enquanto outros me tiravam o sono e o resto de sanidade que eu tinha. Mas nenhum chegou sequer perto do desafio que encontrei ao pegar o caso de Brandon Solveig."

Um pequeno arrepio tomou conta da minha pele com o simples pronunciar desse nome. Lembrei do esgotamento em que via minha avó quando estava acompanhando esse caso. Lembro

das suas noites em claro, lembro de escutá-la chorando quando pensava que eu não estava por perto. E minha avó não era mulher de chorar... Continuei a ler. ***"Ele é o meu caso inacabado, querida... Ele é o motivo de eu não ter paz aqui onde estou porque sei que deixei essa triste pendência e eu preciso que você me ajude nisso. Eu sei que você deve está muito confusa já que nunca te deixei se aproximar desse caso, mas acredite minha menina, foi para o seu próprio bem. O paciente em questão é de um nível de complexidade que só quando você estiver com seus exames e meus rascunhos em mãos poderá ter a noção do que falo agora.***

Eu preciso que você esteja preparada e eu posso estar sendo a pior avó da face da terra ao te pedir isso, mas só o faço porque sei a sua formação. Eu mesma te preparei para isso, eu te preparei para que você seja a cura e a responsável pela inclusão social desse paciente e sem mais delongas, Pandora... Dentro desse mesmo envelope que te entregaram, tem um pequeno cartão."

Eu peguei novamente o envelope e lá estava um pequeno cartão com seis números escritos com a letra inconfundível da minha avó, continuei lendo as instruções: ***"Suba as escadas e vá ao meu quarto, não bagunce nada! Ou eu volto aí para puxar seus pés enquanto dorme."*** – brincou.

O quarto da minha avó era o seu santuário, eu nunca podia entrar nele sem a sua permissão. Impossível não sentir o peito apertar ao abrir a porta e ser atropelada pelo seu perfume tão nítido ali. E lá estava ela, em cada detalhe daquele quarto, ainda estava a sua presença tão forte. Continuei a ler a carta...

"Entre no meu closet e apenas se dirija ao fundo dele. Abra um espaço bem no meio dos meus casacos, mas procure ser delicada ao fazer isso... eles me custaram à merda de uma grana alta."

Não pude deixar de rir ao lembrar a sua possessividade com suas roupas e assim, cheguei diante daquele espaço abarrotado de tantos casacos pesados e usando um tanto de força, consegui abrir um espaço entre eles.

Logo vi que se tratava de um cofre antigo. E então me lembrei do cartão e fui girando a chave de acordo com a numeração indicada.

16 05 02

Ao ouvi o "clic" indicando que o mecanismo abriu, fique pensando que data seria aquela. Qual o significado teria para minha avó, mas era melhor eu não ter me questionado, pois lá estava a resposta.

"Essa foi a data da última foda louca que tive com seu avô antes dele falecer, algo que somente eu saberia!"

— Que merda, vó!!! - Gritei alto.

Dentro do cofre havia muitos papeis, receituários e mais coisa que minha avó guardava literalmente "a sete chaves". Então fui terminar de ler o que dizia a carta.

"Está tudo aí querida, tudo o que você precisa saber sobre esse caso e o material adicional está em minhas gavetas na nossa clínica. Quer dizer, tem mais uma coisa que você precisa entender sobre o paciente e porquê eu não consegui completar o meu objetivo. Essa carta em suas mãos significa que estou morta e que Brandon Solveig tem grande parte nisso tudo!"

Foi nesse momento que eu percebi que a minha agonia começava ali!

PANDORA

CAP. 2 – GRANDES SAUDADES

Minha avó sempre foi uma mulher a frente do seu tempo... Sempre vaidosa, tanto que não me lembro de já tê-la visto sem um batom ou com as unhas por fazer. Ela costumava dizer assim:
"Minha menina, nós devemos sair de casa preparada e arrumada para tudo. Inclusive para encontrar um grande amor."

Sempre romântica, estava na sua essência. Mas quem a conhecia sabia que esse romantismo sempre brigava com seu temperamento desbocado. Minha avó era aquela que falava tudo o que vinha na mente. Lembro exatamente do dia em que ouvi:
— Querida, os homens de hoje não se preocupam com os pequenos detalhes e sempre se saem mal... Está aí o nosso clitóris que não me deixa mentir!

Lembro de ter caído no chão do tanto que eu ri ao escutar isso. Grandes saudades do que ela era...
Tão espontânea, tão livre, tão ela... E tão minha!

Todos falavam de como nós éramos parecidas, diziam que eu era a sua versão jovem... Éramos tão unidas, mas não quer dizer que em nossa relação não existia atritos. Quando o assunto era o

meu futuro ela era dura e nada mudava seu pensamento em relação a minha profissão, era fato, eu iria seguir seus passos.

A lembrança das vezes em que estudava chorando me vem na mente, não era o curso que eu queria. Eu sempre achei que ao crescer seguiria algo voltado à arte, seja qual fosse: cênicas, música ou dança...

Mas minha avó era firme e impassível, ou seja, eu iria seguir a carreira dela e assim aconteceu. Hoje em dia é fácil falar sobre esse período difícil...

Eu não tive dificuldades para achar um emprego quando me formei, já que a minha avó era dona da própria clinica desde que eu me entendo por gente. Lembro das vezes em que ela me levava e eu ficava observando as pessoas que freqüentavam aquele lugar. Lembro das crianças com distúrbios, seja na alimentação, na fala, na socialização... Todas tinham praticamente o mesmo semblante. Mas quando elas começavam o tratamento com minha avó, era como se outra pessoa renascesse e ali eu sabia que ela tinha um dom, ela era incrivelmente boa no que fazia.

Formei-me com as melhores notas e isso não podia ser diferente, já que eu morava com a melhor professora do mundo... E foi assim que eu me tornei a Drª Pandora White, Psicóloga Clínica.

Em todos esses anos que trabalho na clínica, tive que viver com o fato de ser vista como a sombra da minha avó. Mas eu não

baixava a minha cabeça e conseguir impor o respeito que tenho até hoje.

Eu trabalho na clínica a mais de 10 anos... Sim! Antes mesmo de me formar, eu já estava incluída no quadro de funcionários assim que completei a maior idade. Minha avó não brincou em serviço quando decidiu que eu seria sua sucessora nos negócio e na ocupação do seu cargo. Ela me mantinha perto, para que eu observasse cada passo dado com cada paciente.

Ela só me deixava de fora nos casos mais difíceis, quando o paciente era violento ou quando era um caso que desafiava ela. E algo me diz que Brandon Solveig tem tudo isso e um pouco mais...

Minha avó não teria guardado esse paciente tanto tempo se ele não precisasse dessa atenção mais específica. Ela nunca falava sobre ele, ela mudava de assunto ao ser questionada ou até dava uma resposta ríspida deixando claro que não falaria sobre aquilo. Assim era ela...

Suas últimas palavras na carta estão tirando o meu sono e eu deveria dormia bem já que amanhã será o meu primeiro dia, ocupando oficialmente o seu lugar.

Eu precisei tirar esses dias de afastamento para sentir o meu luto com a sua partida. Tenho total consciência de que não será um dia fácil já que ela não estará lá, sentada magnificamente em sua cadeira me esperando para falar dos trabalhos do dia ou pra comentar sobre o médico queridinho dela: Dr. Victor Francis

ou carinhosamente intitulado por ela de " O TESÃO DE JALECO".
Nesse momento, me recordo uma das nossas últimas conversas foi sobre ele:

1 mês antes...

— Pandora, não tem condição de você não ter visto o tamanho do pacote que o Dr. Francis carrega no meio das pernas! – ela falava indignada.
— A senhora está me saindo uma velha tão tarada...
— O pau dele chega primeiro do que ele nos lugares, não tenho como não notar! Eu só vi um pacote ainda maior do que o dele em Bran...
Ela estancou nesse exato momento.
— Em quem vó? Termina de falar... – pedi.
— Nada! – ela respondeu.
— Porra! Pode falar vó... Eu sei que iria dizer o nome do seu favorito: Brandon Solveig. – ironizei.
Ela simplesmente ficou séria e finalizou:
— Encerremos o assunto. – pediu.
— Quer dizer que o pau dele ainda é maior? Esse eu quero ver... – brinquei.

— Cale a boca, Pandora! Você não se aproximará dele... Se eu precisar da sua ajuda, espere até que eu solicite. – falou num único fôlego.
— Mas agora eu fiquei ainda mais curiosa em saber o tamanho do... - Eu tentava amenizar o clima pesado.
— Pandora, eu já terminei com você por hoje! -Falou enquanto me apontava a saída.
— Vó, por favor, me fala sobre ele... A senhora não percebe que isso só me deixa ainda mais curiosa?
— Então está mais do que na hora de aprender a se conter! – ela me cortou.

Era sempre a mesma coisa, quando eu tentava me aprofundar no assunto, ela me cortava e me tirava de tempo.

Saí da sua sala completamente puta da vida com a forma em que ela me enxotou da sua presença. Isso me deixava ainda mais curiosa e intrigada sobre esse caso, pois sempre que eu tentava aprofundar, ela me afastava e me deixava longe de tudo o que se referisse à Brandon Solveig e sinceramente... Aquilo já estava me cansando!!!

Nós nunca tivemos segredos uma com a outra, então de uma hora pra outra ela começa a se trancar no quarto, começa a trancar suas gavetas, começa a se viciar em remédios para dormir... E tudo isso começou depois que ela deu inicio ao tratamento desse paciente.

PANDORA

CAP. 3 – DIA DIFÍCIL

Eu sabia assim que desci do meu carro e coloquei o primeiro pé dentro da clínica... Meu dia não seria nada fácil! Passo entre as pessoas que me olham com curiosidade, da forma mais natural que consegui até que esbarrei numa parede de músculos.

— Bom dia, Pandora! – falou sorrindo.

— Bom dia Victor, ou melhor, Dr. Francis... Acho melhor mantermos sempre a formalidade por aqui.

- Falei ao apertar a mão dele estendida.

— Sei que não será fácil seu retorno e queria lhe dizer que sinto muito pela sua perda. A sua avó era muito admirada aqui, inclusive por mim que tinha ela como alguém da minha família.

Notei certa sinceridade no que ele dizia.

— Obrigada Dr. Francis... Realmente não será fácil ocupar o lugar dela e na verdade, não é isso o que eu quero. Ninguém substitui a melhor!

Percebi que ele ainda não havia soltado a minha mão, foi quando resolvi puxá-la e ele entendeu.

— Certo doutora White! Eu vou dar uma olhada nos meus pacientes do dia, mas eu precisava te desejar as boas-vindas. – falou novamente apertando minha mão.

Foi automático recordar do que falou minha vó e olhei diretamente pro pau dele... Fiquei vermelha ao perceber que ela tinha razão e pra piorar toda a situação, ele notou!

— Obrigada mais uma vez, Dr. Francis.- falei. Dei-lhe um sorrisinho amarelo e caminhei a passos largos para sair daquele constrangimento.

"A senhora deve está gargalhando, não é verdade?"

Pensei... Com certeza ela está!

Aquele grande corredor me levava até a sua sala, que agora é minha. Estranho me referir à ela assim no passado até porque minha avó ainda está aqui. Em suas fotos, nos seus tantos prêmios emoldurados na parede, nas suas coisas milimetricamente organizadas.

Impossível não sorrir ao lembrar-se de como ela ficava louca quando eu tirava alguma das suas coisas de ordem. Lembro que eu perguntava:

— Como é possível uma psicóloga renomada que tem TOC? – perguntava desaforada.

— Da mesma forma que é possível você sangrar todo o mês e não morrer! – ela respondia.

Aqui está tudo do mesmo jeitinho que ela deixou e eu não pretendo mudar nada, ao menos por enquanto. Preciso disso, preciso da presença dela aqui comigo...

Sento em sua antiga cadeira e me aconchego enquanto olho para o teto imaginando se ela pode me ver agora. Sei que está orgulhosa, sua vida foi voltada para esse momento em que eu estaria finalmente em seu lugar.

— Como eu queria que a senhora estivesse viva pra ver isso de perto. Como eu queria te ver entrar por aquela porta agora e...

Do nada, a porta se abriu de vez!

— Aaaaaaaaa! – gritei.

— Porra Pandora! Você quer que eu morra também?

E lá estava a segunda mulher que eu mais admirava em minha vida: a tia Mary, a melhor amiga da minha avó!

Ela também é médica, hoje está aposentada, mas ainda ostenta o título de melhor ginecologista da região e nas horas vagas, ela é a mãe do Dr. Francis. — Que susto da porra, tia Mary! – bradei.

— Susto digo eu ao abrir a porta... Pra quê aquele grito? – perguntou me olhando com curiosidade.

— Nada! Deixa pra lá... – falei.

Notei-a entrando devagar naquela sala enquanto seus olhos percorriam todo o lugar.

— Ela ainda está aqui! - falou de repente.

— Eu sei tia... – comentei triste.

Vi quando ela pegou o porta-retrato em que havia uma montagem delas duas no antes e depois, então passou seus delicados dedos sobre a foto e começou a falar:

— Eu sempre achei que nós duas morreríamos juntas, de mãos dadas, uma olhando pra outra e agradecendo por termos nos aturando por todo esse tempo. Mas até nisso aquela velha era teimosa e queria a atenção só pra si! – falou.

Tia Mary beijou delicadamente a foto novamente falou olhando diretamente pra ela.

— Desculpa por eu não ter ido ao seu velório, minha amiga! Mas eu nunca conseguiria te ver deitada ali... Logo você que não parava quieta nem mesmo dormindo.

Seus olhos estavam marejados e assim ela continuou:

— Ter ver trancada naquele pequeno espaço seria como arrancar o meu coração, pois eu sabia o quanto você apreciava grandes lugares abertos na sua liberdade infinita.

Eu apenas absorvia cada palavra que ela dizia.

— Você não devia ter feito isso, Gracie! Não devia ter ido assim... Eu ainda acordo todas as manhãs esperando o seu telefonema. Ainda preparo o café e coloco na sua xícara esperando você passar lá antes de vir pra clínica, eu ainda ligo para o seu número só pra ouvir seu recado de voz. Sei que farei isso todos os dias até que eu vá finalmente te encontrar. Eu te amo, minha Gracie!

Não sei em qual momento, mas eu já estava chorando alto e incontrolável. Só senti quando a tia Mary enxugou suas próprias lágrimas e veio até a mim.

— Olha só pra gente, Pandora! Borrando a nossa maquiagem por causa daquela velha louca. Ela nunca aceitaria uma coisa dessas. Vamos ao banheiro, precisamos nos recompor... – falou sorrindo.

Ela tinha toda a razão, minha avó nunca admitiria que chorássemos por ela. Então, fomos ao banheiro e gastamos quase a caixa toda de lenços. Demos mais uma retocada e voltamos a sentar uma de frente para a outra.

— Quando o Victor me ligou avisando que você tinha chegado aqui, eu precisava vir te ver. Precisava ver essa cena que sua avó tanto ansiava e sei que você será tão incrível quanto ela foi, minha querida! – falou segurando firme as minhas mãos.

— Obrigada tia Mary! É muito importante pra eu ouvir isso. – falei com sinceridade.

— Bom, eu já vou indo. Vou falar com meu filho e ver como ele está, mesmo sabendo que ele continua lindo, inteligente, carismático, com mulheres fazendo fila e tudo mais... Pena que a única mulher que ele quer é uma desalmada sem coração que não dá a porra de uma chance a ele!

Vocês sentiram a ironia? É... Eu também senti!

— Tia Mary, por favor... – pedi.

— Eu já falei das medalhas e troféus que ele ganhou durante a vida escolar? – ela não me ouvia.
— Tia... – insisti.
— Eu já falei que sempre que ele come uma garota ela vai ao meu consultório pra que um dos meus funcionários concerte o estrago causado por ele?
Isso já era demais pra mim.
— TIA... Mas que droga!!! – berrei.
— Posso fazer o quê? Ele tem um pau monstruoso, ora... – ela falou debochada.
— Tia eu não acredito que estou passando por isso...
Falei tentando sair daquele tipo de conversa.
— Mas minha querida, eu não sou ginecologista por acaso. O pai do meu filho, que por sinal é o meu marido, quase me destruiu. Ele passava mais tempo dentro de mim do que fora! – falou calmamente.
— Para tia, por favor!!! – falei tapando os ouvidos.
— Mas meu amor, se você sair com meu Victor, eu prometo deixar sua florzinha novinha em folha para aquela britadeira que ele teima em chamar de pau!
— Está na hora da senhora ir, tia...
Falei enquanto segurava o braço dela pra conduzi-la até a porta.
— Pandora, eu nem cobraria pelo serviço. - ela falou andando junto comigo.

— Chega tia... Assunto encerrado!
Falei deixando ela do lado de fora da sala.
— Certo Pandora.Só mais duas palavras... – pediu.
Nesse momento eu olhei pra ela e esperei pelo o que viria até que a ouvi falar pausadamente:
— BEM DOTADO!
Fechei a porta na cara dela e nem senti remorso por que pude ouvir a gargalhada dela durante todo o seu percurso no corredor.

Ela e minha avó foram feitas uma pra outra, elas tem o mesmo nível de sanidade. Sentei novamente na cadeira e fui dar uma olhada nas prioridades do dia. Na gaveta principal da mesa, estava mais uma carta destinada à mim...

Incrível como ela preparou tudo, como se soubesse o que ia acontecer e isso me deu um calafrio estranho... Respirei fundo e comecei a ler a carta que dizia:

"Espero sinceramente que você não tenha tirado nada do lugar, espere ao menos meu corpo esfriar, Pandora! Eu estou brincando, meu amor.Isso tudo ao seu redor te pertence agora e eu acredito que fará bom proveito de cada coisa.

Quero finalmente descansar em paz então, mas para isso eu preciso que termine o que comecei.

Na ultima gaveta, a que sempre fica trancada estão todos os meus relatórios sobre o paciente da ala sul, Brandon

Solveig. A combinação do cadeado é a sua data de aniversário... Peço que você leia tudo atentamente e pra finalizar eu preciso te fazer um pedido...

Quando tudo isso acabar, quando você conseguir com êxito manter o tratamento adequado para esse paciente eu só te peço uma coisa... PERDOE-ME, PANDORA!"

Tudo estava ficando ainda mais confuso e agora eu precisava saber o que eu deveria perdoar...

PANDORA

CAP. 4 – ME DESEJE SORTE

Minha avó sabia o quanto eu detestava esse tipo de coisa... Esses mistérios, essas meias palavras. Cada coisa que ela escreve sobre esse caso me deixa ainda mais intrigada e não é de uma forma boa.

Abro a gaveta e noto que são muitos papéis, há também um pequeno caderno de anotações e um pen-drive em formato de pingente. Fique puta ao descobrir que justamente aquela jóia que ela nunca me deixava usar, era a porra de um pen-drive!
Tudo bem, isso já não importa mais...

São realmente muitos relatórios sem fim e assim eu dou um longo suspiro imaginando que tipo de caso irei enfrentar e então decido abrir o seu caderno. Dou uma olhada na sua caligrafia e penso que nem todos os médicos têm letras ruins e assim ela começava a descrever:

Paciente Brandon Solveig, atualmente com 32 anos. Iniciado o tratamento em 2002
Paciente iniciou ao tratamento de Transtorno Dissociativo de Identidade aos 17 anos.